

08 de julho de 2004



Coisas de Candidato-a-Aluno..

...da EPC do AR.

Roberto Siqueira Hoog (*)

Data: 20 de janeiro de 1962.

Hora: Provavelmente, meio da tarde. Lá pelas três e meia.

Local: Prédio de quatro pavimentos, situado à Avenida Sete de Setembro 3464, Centro, Curitiba. Uma quadra abaixo da Rua 24 de Maio.

Evento: Fazendo 17 anos de idade e chegando de uns dias de férias no interior do Paraná. Uns quinze dias passados na região de Palmital, onde meu cunhado havia ido fazer um levantamento topográfico das terras pertencentes a uma empresa local. Subindo a escadaria, com destino ao segundo andar, pois não havia elevadores no prédio, deparei-me com a minha irmã, a qual segurava um pequeno papel nas mãos e dizia sem parar: - Você passou! você passou! Foi aprovado p'rá escola! Ela referia-se ao exame de admissão para a EPCAr, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, para a qual eu havia realizado as provas escritas, de seleção, no mês de dezembro próximo-passado.



Vista geral da Escola Preparatória de Cadetes do Ar - Barbacena/MG - 1962

Embora eu tivesse alguma esperança, não tinha lá essa convicção toda de que iria passar naquele vestibular. Havia algumas dezenas de candidatos e todos eles me pareciam mais capacitados do que eu. Embora estivesse bem preparado em matemática, em português a coisa ficava “russa”! Ao longo das provas, que pareciam durar a manhã toda, o que mais me impressionou foi o lanche servido aos candidatos: um sanduíche de pão, manteiga e goiabada, mais uma farta caneca de leite gelado! Era a então EOEIG (Escola de Oficiais Especialistas e Infantaria de Guarda, não mais existente no atual Comando da Aeronáutica, que na época era Ministério.) dando mordomias aos poderosos candidatos a Alunos da EPCAr. Entreguei a prova e saí feliz, pois quase todos ainda se encontravam sentados e

coçando as suas respectivas cabeças!

O passo seguinte a esta fraterna notificação, foi o meu comparecimento à "Base Aérea do Bacacheri", que realmente fica no bairro do Bacacheri, mas, como vimos, não era Base Aérea, era Escola, e, ao que parece, até hoje é chamada assim, como se uma Base fosse. Iria ser submetido a uma estafante inspeção de saúde. Seria a primeira completa que eu faria até então! Magro como um estilete, daqueles bem finos e compridos, eu estava preocupado com a parte física do teste geral, a qual, felizmente, não foi realizada. Numa rápida consideração, eu havia assumido que não subiria sequer dois metros de corda, não correria mais do que vinte metros no tempo necessário e nem faria mais do que umas dez flexões de braço! E vejam bem, isso tudo em regime de máximo desempenho físico!...

Havia iniciado a parte médica, no laboratório de coleta de sangue e demais substâncias orgânicas, quando percebi que tudo escurecera à minha volta. Logo em seguida apaguei, completamente, ao retirar quase uma seringa inteira de sangue, da minha pobre, magra e "inincontrável" veia braçal. No ato seguinte, vi-me sendo carregado pelas axilas e pernas. Não tive mais dúvida alguma: Dancei! Não passo nem que o santo ajude!

Qual não foi o meu espanto quando o médico, que ajudava o enfermeiro a me colocar numa cama de exames, próxima dali, já em estado de semiconsciência, disse que não "esquentasse a cabeça", pois isso acontecia muitas vezes com o pessoal que fazia esse tipo de exame, ali. Gente fina, ele! Deveria ter se especializado em psicologia, pois convenceu-me fácil.

Pois bem, uma vez recomposto, e passando da cor amarela-desbotada para a branco-esverdeada, peguei o ônibus e fui p'rá casa. Cheguei logo contando tudo! Minha mãe ouviu o relato do evento atenta e ficou preocupadíssima quando contei que tinha ido tudo bem, principalmente depois de eu ter desmaiado ao retirar um pouco de sangue! Em uma velada tentativa de me convencer a desistir da aventura aeronáutica, disse algo semelhante a: "Como pode querer pilotar um avião se desmaia tirando sangue! É só para enlouquecer a gente!"

Mal sabia ela que ainda faltavam uns seis anos e meio para o meu primeiro desafio aéreo! Meus pais pensavam que eu chegaria na EPCAr e sairia logo voando... aos recém feitos dezessete anos de idade! Eu também!

Superada esta fase inicial... , ...da fase inicial, soube que deveria embarcar em um avião da FAB, na "Base Aérea", com destino ao Rio de Janeiro, onde ficaria hospedado na Escola de Aeronáutica, quando, então, seria submetido a uma inspeção de saúde completa e definitiva. P'rá valer! Será que vou desmaiar de novo?

Esta foi a minha primeira viagem "solo" em terras não paranaenses e sem o apoio logístico de parentes e/ou amigos. Grande apreensão pré-embarque! Se soubesse o que me esperava talvez não tivesse ido, e nem estaria sentado aqui, agora, contando esta peripécia. Sim, peripécia, no bom sentido.

Também poderia ser "odisséia", empreitada, epopéia, catástrofe, hecatombe, etc. Dependeria apenas do enfoque e do nível de dramatização escolhido.

Embora fôssemos uns cinco aprovados, apenas mais um (Dalton Dias Nazário) compareceu a este embarque e, assim, nós dois seguimos de C-47 (DC-3 da Aviação Civil), com destino ao Campo dos Afonsos. Doce ilusão e santa inocência dos candidatos (diria Batman)! Eu e meu novo amigo achávamos que iríamos desembarcar no pátio da Escola de Aeronáutica. A estes "entretantos",

deveremos considerar que, além de serem menores de idade, os dois estavam completamente despreparados (sem dinheiro no bolso) para enfrentar os próximos acontecimentos, com a desenvoltura necessária a eles.

Dentre o som de dois motores à explosão, fazendo o maior ruído possível a eles em um regime de cruzeiro, somado ao chiado do ar entrando, ou saindo, por frestas da fuselagem, elevou-se a uma voz: "*- Devido à problemas técnicos o Comandante da aeronave informa que pousaremos em Marte*" (e não em Congonhas ou Cumbica?). Era o mecânico de vôo, dirigindo-se aos passageiros. Inicialmente, pareceu-me que fosse, de fato, o quarto planeta do Sistema Solar, e que o sargento estivesse brincando conosco, mas não foi nada disso. Pousamos no Campo de Marte, e, no pátio do CAN, do outro lado do Parque de Material Aeronáutico. Foi fim da nossa viagem aérea. Estávamos na capital paulista! Tcháu para os passageiros e até a próxima, pois não há previsão de qualquer decolagem. Eu nunca soube ao certo se esta linha do CAN seguiria até o Rio de Janeiro, de fato, ou se São Paulo era o destino real dela e, nós dois, inocentes candidatos-a-aluno-da-EPCAr, tivéssemos sido colocados nesta relação por algum equívoco.

Nesta situação de desespero total, os dois anjos-candidatos, em vez de recorrerem ao Oficial de Operações/Dia, o qual eles nem sabiam que existia, e explicarem a situação em que se encontravam, ficaram em estado de choque, pegaram a bagagem e seguiram destino, rumo à rua, pois, se não conheciam o Rio de Janeiro, muito menos conheceriam São Paulo. Até hoje não sei andar por lá.

Contado o minguado dinheiro que tinham, tomaram um táxi e seguiram para a rodoviária, onde compraram bilhetes para o Rio, no primeiro ônibus da Aviação Cometa a sair da estação. Como eu era um pouco mais crescidinho, passei por maior de idade e me responsabilizei pelo colega de empreitada. Após umas sete horas de viagem, chegamos à Praça Mauá, então local da rodoviária do Rio de Janeiro, às duas horas da madrugada, de algum dia de janeiro de 1962. E agora José? Eu, com minha mala de vinte quilos; ele, com uma de vinte e um. Táxi? Nem pensar! Dinheiro? Nível mínimo de sobrevivência!

Conseguimos saber, com um policial, que para irmos até a Escola de Aeronáutica teríamos que pegar um trem na Estação da Central do Brasil, que ficava no fim da avenida ao lado e era um prédio com um grande relógio no topo. Tudo bem! Bagagens nas mãos e pé na estrada.

Quando desembocamos, à pé, na Avenida Getúlio Vargas, foi fácil ver a torre da Central, só não esperávamos que fosse tão longe. Ela, a torre, parecia estar situada no final de uma grande pista de pousos e decolagens. Não decolamos nem pousamos! Fomos à pé e andamos quase até as quatro horas da manhã. Tínhamos fome, sede, dores nos pés, nas mãos, sono, etc e tal. Chegamos, entramos e fomos a uma lanchonete. Enquanto rachávamos um sanduba de queijo, regado a coca-cola, soubemos, pela boca do sábio "barman", que o nosso destino, a Escola de Aeronáutica, localizava-se em Santa Cruz! Ficamos aliviados, pois estávamos chegando lá e, assim, olhamos, um para o outro, levantando as sobrancelhas, cheios de sorrisos e na maior felicidade. Estávamos próximos aos finais! Santa inocência, Robin (Batman novamente)! Bastava pegar o trem indicado que chegaríamos lá, por volta do amanhecer. Como era grande a cidade! Pegamos um trem completamente vazio e partimos.

Só nós dois no vagão.

Neste ponto há um certo bloqueio em minha memória. Não sei se por um artifício da mente, daquele tipo que apaga todo vestígio de um acontecimento traumatizante, ou se por simples apagão senil. Vejo-me, parcialmente, a pé em uma estrada asfaltada, caminhando em direção a um destino desejado. Por

vezes, vejo-me embarcando em um ônibus... não sei como foi. Lembro-me apenas de chegar, na minha expectativa, e, finalmente, ao Campo dos Afonsos, e ficar sabendo, imediatamente, que não era nada disso. Era, simplesmente, a Base Aérea de Santa Cruz, muito, mas muito distante do nosso alvo programado.

Puts!!!!

O meu descontentamento com a viagem até Marte começou a desaparecer aos poucos, pois fomos muito bem recebidos pela equipe de serviço e, ali mesmo, no Portão da Guarda, o Oficial de Dia nos brindou com um pequeno lanche, que desceu tal e qual um banquete de mil talheres. Fiquei contente, pois nos consideraram como parte da família fabeana, quando éramos, apenas, candidatos a pertencer a ela. Senti saudades de casa... e não havia saído de lá sequer há 24 horas!

Depois de descansarmos um pouco, fomos devidamente instruídos de como chegar à Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos. Creio que retornamos de carona com alguém, e ficamos na estação ferroviária orientados para desembarcar em Cascadura. Também não sei ao certo, poderá ter sido de ônibus ou qualquer outro meio de locomoção. Deve ser efeito do trauma inicial. Não consigo lembrar-me destes detalhes! Não sei o porquê de a BASC não nos haver "adotado" e conduzido à Escola de Aeronáutica. Como não lembro bem do que ocorreu por lá, não posso tecer maiores considerações...

Já no período da tarde, chegamos e desembarcamos em Cascadura. Foi fácil descobrir que deveríamos pegar uma condução para Bangú ou Realengo e solicitar ao motorista que nos deixasse nos "Afonsos". Seguimos, falamos e desembarcamos, contentes, felizes e aliviados. E assim chegamos ao Portão da Guarda da Base Aérea dos Afonsos! *Boa tarde! Não, a escola fica mais adiante. Uns dois quilômetros, mais ou menos. Entrem aqui, que eu vou chamar o tenente e já volto.* Estas foram, aproximadamente, as palavras do cabo que nos recebeu.

Daí p'rá frente foi vapt-vupt! Foi tão fácil que não teve nem graça! Fomos levados ao Oficial de Dia, que, por sinal, após ouvir o resumo dos últimos acontecimentos, atenciosamente e sem dar um pio, nos recebeu alegremente e, entre expressões de piedade, incredulidade e divertimento nos levou até o Cassino dos Oficiais, nos brindando com um bom refresco, alguns biscoitos e muita conversa. Entre comentários de que aquilo era coisa de "bicho" sulista ou arataca (oriundos do nordeste), pegou o Jeep deixou-nos em frente ao Corpo de Cadetes da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos. Arre!

A sensação era muito estranha. Parecia que estávamos chegando em um local fora da realidade humana! Algo como na série de TV "Além da Imaginação", muito em voga naqueles anos. Até o cheiro que pairava no ar era diferente! Desembarcamos da viatura e fomos indicados como: - Olha aí, "dois presentes para vocês".

Passamos por uma arcada, na entrada, toda branca, com acabamentos em granito quadrado e semi-transparentes. Lá dentro, bem à frente, o poema "SE" (IF), de Rudyard Kipling, em uma parede de azulejos decorados em azul. Uma pérgola estendia-se de cada lado do portal e, um pouco à direita, o elemento a quem o Oficial que nos levou se dirigia e nos presenteava assim: - São dois "bichos"sulistas! "Bicho" era o codinome dado aos candidatos, calouros e demais espécies congêneres.



Fachada do Corpo de Cadetes da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos

Olhamos e o vimos: era deus em pessoa, bem à nossa frente!

Áh, não! Não era não! Um semi-deus, talvez. Calça azul baratéia, canícula azul oxford, capacete branco, talabarte, cinto e coldre de couro branco, ombreiras destacando asas douradas, uma de cada lado, botas pretas com uma amarração p'rá lá de complicada, e, finalmente, um meio-brevet de aviador no peito... Olhava-nos entre curioso, contente, atencioso e feliz. Era o Cadete-de-Dia ao Corpo de Cadetes, um Cadete-Aviador do terceiro ano! O seu olhar de alegria fazia-nos pressupor que, dali p'rá frente, seríamos, todos nós, muito bem tratados... mas esta é uma outra longa e tortuosa estória.

Logo ficaríamos sabendo que aquela expressão que estampava era equivalente à de um leão faminto, contemplando duas enormes e saudáveis picanhas paranaenses!

Eu ainda não sabia, mas, naquele momento, já estava começando a fazer parte da Força Aérea Brasileira.

* O autor é Coronel-Aviador da reserva da Força Aérea Brasileira